

HISTÓRIAS INFANTIS: A INFLUÊNCIA DAS HISTÓRIAS INFANTIS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS NO BRASIL

Daniel Lima do Nascimento¹
Gilmar Alves de Farias²

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa traz a contação de estória e o seu desenvolvimento até na área da imaginação da criança e sua influência benéfica ou maléfica, pois existem estórias que alimentam inferioridade, discriminação, vingança e morte. Por isso, deve-se ter bastante cuidado com o tipo de literatura que as nossas crianças estão tendo contato. Ressalta-se, portanto, que a criança brasileira tende a buscar com o passar do tempo outras brincadeiras que contenham o teor das fábulas e lendas presentes na literatura deste país, porque em sua imaginação ainda se encontra essas estorinhas tão vivas na memória dos infantes.

Desta forma, desenvolveremos esta pesquisa com base na análise de contos, de transmissão educacional das crianças brasileiras e de correspondência delas em suas práticas diárias através dos contos.

O estudo se justifica pela ausência de informações de pais e pedagogos sobre a questão das estórias contadas em casa e em sala de aula, essa falta de conhecimento leva a criar barreiras até emocionais nas crianças, podendo de certa forma influenciar suas atividades e brincadeiras, afinal

-
- 1 Daniel Lima do Nascimento. Graduando em Pedagogia pela UFC. Atualmente, cursa o 1.º semestre e interessa-se por Gestão Escolar. E-mail: daniel.germano.lima@hotmail.com.
 - 2 Gilmar Alves de Farias- Professor da Universidade Federal do Ceará-UFC. Fortaleza - CE. E-mail: profgilfarias@hotmail.com

a criança irá responder ao estímulo com aquilo que lhe foi repassado. Buscar a compreensão e como aplicar isso nas contações de estórias é o objetivo principal deste trabalho.

Conforme Laraia (1932) afirma: “A natureza dos homens é a mesma, são os seus hábitos que os mantêm separados”, ou seja, a cultura de cada povo é o marco principal de suas características, nessa podemos observar as raízes das tradições transmitidas via oral, as quais atuam como educadoras na base do desenvolvimento sócio-humano. Esses mesmos educadores vão de certo modo cooperar nas práticas pedagógicas de ensino com a contação de estórias.

Como problemática deste estudo se tem o seguinte questionamento: as estórias estão ajudando as crianças? Será que não está surgindo, através dos contos, a falta de respeito, amor e educação? Como buscar novas estórias que ajudem a desenvolver positivamente as crianças?

Nesse sentido, o objetivo geral dessa investigação é analisar até que ponto as estórias infantis têm influenciado na educação das crianças no Brasil na perspectiva pedagógica, tendo como objetivos específicos, portanto, os seguintes pontos: apresentar as influências boas ou não que os contos infantis deixam como marcas no desenvolvimento das crianças; destacar a importância da leitura; e observar os conhecimentos adquiridos pelas crianças.

A investigação está organizada em cinco partes: a primeira corresponde à introdução, na qual se faz uma breve contextualização do estudo em apreço, expõem-se, posteriormente, os objetivos, as hipóteses e a justificativa da pesquisa; a segunda seção apresenta o referencial teórico, o qual fundamenta o texto a partir de estudos relacionados ao tema em questão; a terceira parte se refere aos procedimentos metodológicos adotados, mostrando os métodos e o caminho percorrido para a realização da presente investigação; a quarta seção apresenta e analisa os dados e, por fim, tecem-se as considerações finais a respeito da pesquisa em questão.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

As estórias infantis não têm uma data precisa de sua origem no mundo, afinal os contos sempre estiveram presentes na vida do ser humano através dos mitos, contos, fábulas, lendas e narrativas.

No século XVII, conforme Gillig (1999), a literatura infantil se expandiu especificamente com os chamados contos de fadas, os quais apresentavam o retorno à idade média com reis, príncipes, princesas, magos e bruxas, fadas e duendes. Tudo era narrado nos salões de festas na Europa, frequentados pela elite.

A maioria dessas estórias era para pôr medo nas crianças especialmente nas meninas. Podemos citar como exemplo os contos de Chapeuzinho Vermelho, em que a menina e sua avó são engolidas pelo lobo mau, dando assim um aviso para que as meninas não sejam desobedientes aos seus pais e não saiam de casa sem a presença de responsáveis. Os autores mais famosos daquela época eram os irmãos Grimm e Mme Leprince de Beaumont, escritora que publicou, em 1757, um conjunto de estórias infantis entre elas o clássico de A Bela e a Fera.

Encontraremos diversas estórias que até hoje estão vivas em nossas lembranças e que acabaram se transformando em filmes como: A Bela adormecida, O gato de botas, Cinderela, O pequeno polegar, Branca de neve, João e Maria e O patinho Feio. Os contos supracitados são diariamente repassados para as nossas crianças, pois, com o desenvolvimento da tecnologia, as estórias infantis permanecem em alta com o público infantojuvenil, porque as crianças são contagiadas pelas leituras dos contos de fadas.

Sabemos, portanto, que nos filmes de contos, feitos por Walt Disney, muitas estórias infantis são invertidas de um modo todo particular, deixando muitas vezes parecer que as estórias devem se adaptar ao modo de ser do seu público-alvo do século XXI.

Saber ler é a razão forte de uma criança estar em uma escola, o letramento vem do desejo da criança em ler influenciada pelas historinhas

que os pais ou professores contam. Estes são os primeiros a reforçar o desejo da leitura, o gosto da ler nasce com as estórias infantis.

O primeiro passo que a leitura proporciona às crianças é incentivar a imaginação, onde mora o perigo, porque, em muitas estórias, o ódio e a intolerância marcam a mente e a imaginação das crianças, sendo estas levadas a brincar de príncipes, a matar o seu adversário.

O segundo passo é a entrada no mundo mágico que, no dizer de Gillg (1999): “Restam as fadas de nossos contos e a esperança delas entre nós, pelo menos nas obras literárias . Passada a idade dos contos de fadas e do Papai Noel, a criança, durante muito tempo, dá ainda a impressão de acreditar neles”.

As ilustrações também chamam a atenção das crianças e despertam o gosto de ter um livro em suas mãos, ao menos para folhear as gravuras nele presentes.

Depois de aprender a ler, as crianças passam a compreender melhor o que está passando ao seu redor e, como diz Betteheim e Zelan (1992): “Assim, a literatura começou com visões do homem e não foi criada para servir a propósito utilitários. Todas as crianças ficam fascinadas com visões, com a magia e com a linguagem secreta...”.

Esse tipo de leitura, com certeza, fascina as crianças e, ao mesmo tempo, desperta a visão de mundo, pois leituras criativas ajudam na formação de caráter e no despertar de personalidade, ficando como uma construção que a cada momento se coloca uma pedra. É o alicerce da vida sendo construído com o conto, a fábula e as estórias.

Entre 5 a 7 anos de idade, o desenvolvimento intelectual da criança e sua imaginação estão a todo vapor em constante evolução e, nesse período, as cenas de contos de fadas permeiam suas brincadeiras, e muitos delas se tornam reis e rainhas, príncipes e princesas e chegam a se vestir dessa forma, tendo até festas de aniversário com temas de estórias infantis com aquele ou aquela personagem.

Chega, enfim, a fase da adolescência e a fase adulta, mas aquele personagem favorito continua sendo admirado, porém é lamentável que

as histórias que não deveriam ser contadas, por serem violentas, também ficam no subconsciente.

Desta forma, nos dias atuais, nos deparamos com adultos agindo pior que uma criança mimada, pois o “reizinho” e a “princesa” nunca deixaram de existir. Por isso todo cuidado é pouco, porque uma história influencia nossas vidas de uma forma direta ou indireta.

Na escolha dos livros infantis, os pais e a escola precisam ter todo o cuidado necessário, pois uma boa leitura ajuda as crianças a crescerem intelectual e socialmente. Não se pode reduzir a uma escolha aleatória de contos como se os livros fossem meramente um passatempo. Os livros irão ajudar no aprendizado cognitivo da criança, sem contar que, com as diferentes ilustrações, as crianças passam da imaginação para uma imagem visual daquilo que é contado.

A narração de uma história infantil tirada de um excelente livro atrai as crianças, por isso Gillig fala da função do encantamento das crianças diante das histórias. Então se estas se encantam com uma boa história, podem também se encantar com uma péssima história, pois a mente de uma criança vai se fixar no tom, no teor e na personagem do conto e vai buscar assimilar a narração no seu dia a dia, por esta razão os pais e a escola devem estar atentos para as leituras e o universo infantil .

Contar é fazer viver cada palavra, cada personagem, e isso desperta o interesse das crianças, pois estas vivem em uma sociedade em que os valores de respeito e gentileza estão em desuso. Observa-se, portanto, que a prática de leituras influencia a comunicação na sociedade, nas famílias e na escola e, principalmente, o aluno é o verdadeiro protagonista dessa história.

É de suma importância o pedagogo ter uma preparação prévia sobre como e o que contar nas rodas de leituras com as crianças. Nesse contexto, entra a atuação da coordenação que irá, com antecedência, apresentar aos pais e aos professores os livros que serão utilizados, para que assim os pais estejam cientes do que os seus filhos vão escutar e aprender e, também, para auxiliar os professores com a preparação de aulas lúdicas de acordo com as histórias.

A escola deve primeiramente oferecer um curso de contação de estórias para os pedagogos que trabalham com o público de 2 a 6 anos, pois auxiliará na busca do entusiasmo coletivo da sala de aula propondo uma aprendizagem mais adequada com ótimos resultados na aplicação e no aprendizado do aluno.

Para que isso aconteça, deve-se primeiro haver uma parceria com o governo e o Ministério da Educação e, em segundo, uma boa explicação de como funciona o sistema da narração das estórias para haver uma boa qualificação, aspirando ao retorno positivo com as crianças.

O lúdico faz parte do dia a dia das crianças e é através das pinturas e gravuras que as crianças aprendem mais. Cunha (2005) assevera que a cultura ocidental é tipicamente visual, pois, desde o berço, a criança começa a criar imaginações através das imagens. Esses tipos de imagens remontam à idade média, quando os monges copistas em seus manuscritos se utilizavam de gravuras para ilustrar as cenas da fé e da Bíblia. Isso ocorre até hoje com os livros de contos de fadas e com as cenas dos filmes das estórias infantis.

No contexto histórico, quando os portugueses chegaram ao Brasil os jesuítas se utilizaram de teatros, danças, pinturas e imagens para a evangelização dos índios. A fé foi propagada em solo brasileiro com as imagens, formas fáceis de compreensão. Os padres da Companhia de Jesus foram os primeiros professores e pedagogos do país, então até os dias atuais se encontra a prática de apresentar as fábulas com imagens para desenvolver a imaginação da criança.

Sabe-se que as imagens chamam a atenção das crianças até a fase da terceira idade. Ressalta-se que, como as imagens educam a muitos e transmitem conhecimento, elas não podem ficar de lado, visto que são ferramentas necessárias na utilização da educação por meio de gravuras, conforme afirma o autor: “as imagens estão fortemente ligadas a área da pedagogia para apresentar a figura do pedagogo como o decifrador de imagens dos textos” (CUNHA, 2005).

Os contos infantis trazem gravuras ilustrativas para melhor compreensão das crianças e desenvolvimento de sua percepção. Essa forma está

relacionada diretamente com a disciplina de artes, pois as pinturas feitas pelas crianças muitas vão de acordo com as imagens dos contos de fadas.

A criança tem o seu próprio espaço reservado para sua diversão e passatempo, desta forma a prática da leitura deve estar associada a um lugar aconchegante e tranquilo que proporcione à criança conforto e atenção na hora da leitura. A escola, por exemplo, deve procurar criar um espaço reservado para a leitura, certo que já existe a biblioteca, porém a biblioteca é bastante frequentada por diversos alunos de todas as séries que, por ventura, poderão tirar a atenção das crianças, por isso estas têm necessidade de um espaço reservado especialmente para elas.

Em casa, os pais podem também favorecer esse espaço de leitura. Quando as condições financeiras não permitem, um ambiente tranquilo, com boa iluminação pode favorecer à criança sentir prazer pela leitura, pois, em um espaço tranquilo, “a criança desenvolve a compreensão da mente até do outro, essa compreensão a própria leitura irá beneficiar na vida da criança”, ressalta (RODRIGUES; RUBAC, 2008).

Buscar um espaço favorável na escola ou em casa é, antes de tudo, buscar um melhor aprendizado na leitura. Crianças que leem mais são crianças com conhecimento de mundo mais vasto.

O cenário dos contos de fadas remete a reinos e lugares fantásticos, onde animais agem como seres humanos, bruxas e magos têm um poder sobrenatural, assim como, ouro, festas e o feliz para sempre, tudo isso são características que não aceitam correções. Embora cientes de que as estórias infantis têm um tipo de linguagem própria, a exaltação do padrão de beleza e da riqueza é por demais exagerada.

Diante do exposto, observa-se que muitos pais acabam caindo no erro de dizer aos seus filhos que estes são príncipes e princesas. Para as crianças a fantasia é a mais pura verdade, e o sonho de muitas acaba sendo frustrado, pois são seres normais sem realeza alguma.

A verdade simbólica é apresentada no começo das fabulas, quando se inicia “Era uma vez ...”. Para GILLIG (1999), essa linguagem é associada pelas crianças a viagem a um mundo de maravilhas que, depois

de lida a estória ou assistido ao filme daquela fábula, a realidade volta a tona com o real. É interessante ver como as crianças entram na estória e em seu cenário, acreditando que tudo é realidade, por isso muitas festas de aniversários são temáticas com cenários iguais aos das estórias e com seus personagens favoritos. Por esta razão, não se pode ter uma concepção de erro dos pais ou responsáveis das crianças, o erro não está neles e, sim, no jeito como a indústria das fábricas garante a produção dos cenários dos contos de fadas.

Tentar solucionar esse problema não é fácil, porém uma explicação direcionada nesse assunto, com certeza, irá esclarecer a muitos sobre o perigo de que, diariamente, somos alvejados pelas mídias, de que vender as estórias infantis ajuda as crianças a se sentirem bem. É importante destacar que a criança brincar, imaginar e criar com a imaginação é saudável, a inadequação está em crescer sempre imaginando e esperando o “Feliz para sempre”.

Existem vários tipos de contos, e eles não estão somente associados ao público infantil, os contos estão presentes na cultura dos países e fazem parte do cotidiano dos seres humanos. Eles estão divididos em: contos maravilhosos, realistas ou novelas, religiosos.

Os contos maravilhosos são aqueles que têm a presença de fadas, feiticeiros, e outros personagens que atuam de forma mágica, exemplos: Cinderela, A bela adormecida, João e Maria entre outros. Eles são as demonstrações de contos maravilhosos, lidos em sala de aulas ou em casa e assistidos em filmes .

Contos realistas ou de novelas são aqueles que a presença do sobrenatural não faz parte da narrativa. São exemplos: O conto das Mil e Uma Noites e, no Brasil, os famosos contos de Machado de Assis. Esses contos trazem a realidade da vida de um modo direto e claro, sem intervenções mágicas. As questões são resolvidas de modo simples ou não, mas com a presença somente dos seres humanos.

Há, também, os contos religiosos. Nestes são atribuídos a fatos de questão de fé, exemplo que temos é a Demanda do Santo Graal, as parábolas e os ensinamentos atribuídos a santos católicos. Como mexe com a

fê do povo, não é necessário ter a comprovação se é ou não imaginação, sempre esses contos trazem lições de vida e ensinamentos de boas condutas. Foram bastante utilizados pelos Jesuítas em suas evangelizações, especialmente no Brasil, onde os nativos não podiam compreender de imediato os dogmas católicos. Na visão de Gillig (1999), existe a dificuldade de identificação dos contos, pois, ao atribuir a palavra contos, logo de associa a fábulas de estórias infantis, como já mencionamos acima, falta um esclarecimento das estórias para a sociedade fadada a imaginar somente os contos maravilhosos que são necessários para todos.

As estórias que são contadas para as crianças, como já vimos, influenciam em todas as fases da vida desde a infância até a vida adulta. No Brasil, encontra-se essa repercussão diante de muitas cenas do cotidiano, conforme ressaltam Beserra e Lavergne (2018):

o brasileiro é um povo que foi desfigurado com a visão de que tudo é permitido e os brasileiros são gentis, isso de ser um paraíso é uma visão do conto de Peter Pan onde a terra do Nunca é um lugar de pura felicidade, atribui o próprio preconceito em reconhecer que nem sempre as coisas andam no normal, mas por ser brasileiro deve sempre estar sorrindo com o samba no pé.

No caso das estórias de Cinderela, por exemplo, predomina a cor branca e a riqueza, embora se saiba que na vida existam varias etnias e raças. Está crescendo o número de crianças altamente preconceituosas e não se pode colocar a culpa somente nos pais. Portanto, deve-se ver o contexto e as estórias infantis também, assim como a cultura do perfeito e do lindo predominante no ambiente da literatura infantil. Ao observar os filmes da Disney, há os contos e as fábulas com personagens predominante brancos, apresentando um ponto que não é a realidade da maioria das pessoas, despertando a ideologia de ganhar as coisas na facilidade. O preconceito continua a se enraizar nas praticas das crianças e dos adultos, mostrando a falta de uma boa revisão naquilo que é lido e apresentado nas estórias.

3. METODOLOGIA: PROCEDIMENTOS E MÉTODO

De acordo com Demo (2014), a metodologia é o instrumento científico de organização de ideias, sendo forma fácil de compreensão para o leitor. Nesta pesquisa será utilizada a pesquisa bibliográfica com uso de livros e artigos que venham auxiliar neste estudo a encontrar um novo caminho para tornar as histórias verdadeiramente maravilhosas.

A pesquisa em questão tem abordagem qualitativa, fundamentando-se na análise indutiva de dados a partir de pesquisas bibliográficas e análises, a fim de estimular a reflexão sobre o assunto: “Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural” (GODOY, 1995, p. 62). Essa investigação é, então, descritiva, já que visa “à compreensão ampla do fenômeno que está sendo estudado, considera que todos os dados da realidade são importantes e devem ser examinados” (GODOY, 1995, p.62).

Desta forma, buscou-se desenvolver o referencial teórico abordando a origem e a evolução da educação infantil no cenário brasileiro e seus apoios para a construção da identidade das crianças através das histórias e contos infantis.

Após a coleta de dados, elaborou-se uma análise textual e procedeu-se a discussão dos resultados, a fim de mostrar a viabilidade da proposta aqui defendida.

4. RESULTADOS E DISCUSÕES

O artigo apresenta que o fator decisivo para se ter uma influência boa ou não em relação aos contos e às histórias infantis é relativa, pois depende de como esses incentivos serão manipulados pelos pais, professores e instituições escolheres. No entanto esta pesquisa esclarece alguns pontos que merecem toda a atenção no âmbito da educação: a importância da leitura; as consequências de uma história que não trará bons ensinamentos, se não for trabalhada pelos educadores, antes durante

e depois da contação; e também a presença importante dos pais e dos professores na educação de novos cidadãos.

Gillig (1999) em seu livro apresenta o conto como uma das ferramentas importantes no aprendizado das crianças e jovens, realça o valor da literatura e apresenta os vários modos de contos especificamente os contos infantis. Beserra e Lavergne (2018) falam sobre o racismo presente na educação, como faz parte no período escolar as estórias infantis, os contos que demonstram esse tipo de ideologia, é preferível não colocar dentro das estórias a serem contadas.

CONSIDERAÇÕES

A pesquisa em questão retrata, por meio da abordagem de um tema tão esquecido, mas importante, a necessidade dos cuidados com tudo que se ouve e lê, especialmente, para as crianças brasileiras que merecem atenção, pois são nelas que depositamos esperanças em um futuro melhor, longe da corrupção, do medo e do preconceito.

Verifica-se, portanto, a necessidade de haver verdadeiros educadores, os quais apresentem às crianças a verdade, por meio da contagem de boas estórias distantes de teorias separatistas, mas que tragam, também, ensinamentos e propósitos para a melhoria de uma sociedade em que existam adultos com corações puros, como os das crianças, mas não esquecendo que precisa pôr mãos à obra para tornar fábula em sua vida realidade.

REFERÊNCIAS

BESERRA, Bernadete de L.R.; LAVERGNE, Rémi Ferdinand. *Racismo e educação no Brasil*. Recife: Ed. UFPE, 2018

BETTELEIM, Bruno; ZELAN, Karen. *Psicanálise da Alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cenários da educação infantil. *Educação & realidade*, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 165-185, jul. / dez., 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/129247>. Acesso em: 28 nov. 2018.

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1985.

GODOY, Arilda Schmit. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf> . Acesso em: 23 nov. 2018.

GILLIG, Jean-Marie. *O conto na psicopedagogia*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KRAMER, Sônia. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: Educação infantil é fundamental. *Educ. Sec.*, Campinas, v. 27, n. 96, esp., p.77-818, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a09v2796>. Acesso em: 24 out. 2018.

LISBOA, Henriqueta. *Literatura oral para a infância e a juventude*. São Paulo: Cultrix, LTDA, 1968.

MOYSÉS JR., Kuhlmann. Histórias infantis da educação brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 14, p.6-17, maio/jun./jul./ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a02>. Acesso em: 24 out. 2018.

RODRIGUES, Cosenza Marisa; RUBAC, Jacqueline Silva. Histórias infantis: um recurso para a compreensão dos estados mentais. *Estudos de Psicologia*, v. 13, n.1, p. 31-37, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/261/26113104/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.